

A IMPRENSA NA FRAGILIDADE DA DEMOCRACIA NO SÉCULO XXI

Maria Luísa, CORDEIRO

PUCPR

INTRODUÇÃO

A tolerância, as eleições livres e diretas, o respeito às normas constitucionais e a liberdade de imprensa são exemplos de princípios caros à democracia, e que têm sido constantemente violados nos mais diversos países.

De acordo com a ONG Repórteres Sem Fronteiras, em 2021 o Brasil estava na posição 111º do ranking de liberdade de imprensa, quatro posições a menos que comparado a 2020. Esses dados estão em congruência com o resultado do relatório da Economist Intelligence Unit (EIU) que classificou o Brasil como uma democracia falha. A liberdade de imprensa, como já dito anterior, é um dos pilares para uma democracia fortalecida.

Neste trabalho busca-se compreender de que maneira as redes sociais alteraram a maneira que a informação é transmitida na sociedade e quais as consequências para a fragilização da democracia.

DESENVOLVIMENTO

O cientista político Yascha Mounk, na sua obra “O povo contra a democracia. Por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la”(2019) argumenta que as redes sociais chegaram para quebrar com o padrão de transmissão de informação. Enquanto antes as emissoras tradicionais poderiam filtrar o que seria transmitido, agora elas são concorrentes de milhares de pessoas com aparelhos celulares.

Personagens como Donald Trump e Jair Bolsonaro ganham força em um mundo digital. Segundo uma investigação do canal britânico Channel 4, do caso Cambridge Analytica, mostrou que a campanha de Donald Trump em 2016 usou as redes sociais para convencer 3,5 milhões de negros a não votar. O que talvez tenha garantido a sua vitória.

Antes das redes sociais, apenas os governos e grandes canais de mídia tinham acesso ao grande público. Nessa nova era das mídias sociais os *outsiders* se tornam mais empoderados. Pelo lado positivo garante maior diversidade; pessoas que até então teriam muita dificuldade de ter algum papel político (principalmente grupo minoritários), conseguem alcançar um grande público e angariar votos. E o lado

negativo: pessoas extremistas que até então se sentiam coagidas a se silenciarem, ganham voz para serem eleitas.

Jair Bolsonaro, atual presidente do Brasil, por mais que já fizesse parte do sistema, sendo deputado pelo estado do Rio de Janeiro por quase 30 anos, a mídia tradicional muitas vezes não divulgava seus discursos extremistas e preconceituosos.

No entanto, inspirado em Donald Trump, Bolsonaro inicia a sua carreira no Facebook e no Twitter. Pessoas que até então não o conhecia começa a segui-lo e apoiá-lo. Nota-se que Bolsonaro foi eleito em 2018 sem comparecer em quase nenhum debate televisivo, apenas com disseminação de “memes” e falas polêmicas pelas redes sociais.

Para Mounk (2019), os governistas populistas autoritários, como Donald Trump ou Jair Bolsonaro, após a eleição começaram a atacar as instituições democráticas, principalmente a imprensa. A mídia de comunicação livre é uma ameaça aos governos autoritários populistas por destacarem os problemas e fracassos do governo, “Ao fazê-lo, desafiam a ilusão de consenso, mostrando a um público amplo que o populista está mentindo quando afirma falar por todo o povo” (MOUNK, 2019, p.58), ou seja, a imprensa quebra a magia de um salvador da pátria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futuro da democracia parece muito incerto no século XXI. A descredibilização da grande mídia acaba por fortalecer pequenas redes de imprensa que podem ou não manter uma imprensa honesta. A democratização da comunicação trouxe então esse paradoxo: por um lado possibilita maior liberdade de expressão, pluralismo de vozes e ideias; mas por outro lado, facilita a criação de fake news nocivas à liberdade.

Esses grupos que se utilizam das redes sociais para atacar a mídias tradicionais de jornalismo, prejudicam e colocam em xeque a democracia em que vivemos. Viver em um ambiente plural, que permite a liberdade de expressão só é possível desde que valorizando o bom jornalismo e rejeitando ações antidemocráticas.

REFERÊNCIAS

- LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.
- MOUNK, Yascha. O povo contra a democracia: Por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- PÉREZ-LIÑAN, Aníbal. A democracia conseguirá sobreviver ao século XXI? Nueva Sociedad, 2017.
- Democracy Index 2020. A year of democratic setbacks and popular protest. The Economist Intelligence Unit, 2020

LISSARDY, Gerardo. Por que a ideia de que a América Latina pende à esquerda ou direita perdeu o sentido. G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/01/19/por-que-a-ideia-de-que-a-america-latina-pende-a-esquerda-ou-direita-perdeu-o-sentido.ghtml>. Acessado em: 22 nov 2020.

BRAUN, Julia. Mapa das eleições na França: o país dividido. Veja Abril, 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/mapa-das-eleicoes-na-franca-o-pais-dividido/>. Acessado em: 22 nov 2020.

BARTKOWIAK, Jaqueline Zandona; FONSECA, Thatiane de Almeida; MATTOS, Gabriel Motta; SOUZA, Vitor Henrique do Carmo. A primavera árabe e as redes sociais: o uso das redes sociais nas manifestações da Primavera Árabe nos países da Tunísia, Egito e Líbia. Caderno de relações Internacionais, v.10, n. 1, 2017.

VINHA, Luís Miguel da. A vitória eleitoral de Donald Trump: uma análise de disfunção institucional. Rev. Sociol. Polit., v.26, n. 66, 2018.